

A POMBA DO PAPA

Rodrigo de Vasconcellos

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Esperança, pomba branca fêmea, 10 e 18 anos

Pietra, corvo fêmea, 20 e poucos anos

José, pombo de rua macho, pai de Esperança, 45 anos

Estela, pombo de rua fêmea, mãe de Esperança, 40 anos

Pombus Orthodoxus, pomba branca macho, a Pomba do Papa, 70 anos

Enzo, corvo macho, pai de Pietra, 40 e poucos anos

OUTROS PERSONAGENS

Pombus Cardinalis, pomba branca macho, Pomba Cardeal, 50 e poucos anos

Giacomo, corvo macho, irmão de Pietra, 20 e poucos anos

Filhote Fêmea, pombo de rua fêmea, 14 anos

Filhote Macho, pombo de rua macho, 14 anos

Pombo correio, pombo de rua macho, 30 e poucos anos

Candidato 1, pomba branca macho, 30 e poucos anos

Número de personagens: 12

Número de atores: 10

CENOGRAFIA

Minimalista. Ênfase no figurino e na simbologia dos poucos elementos que compõem o cenário, sobre o fundo preto, com bastante espaço vazio entre eles. No ATO I, na metrópole latino-americana, ênfase nos elementos urbanos (chaminé, antena e telhado), que podem ser aplicados sobre um módulo simples, deixando o resto do palco vazio. No ATO II, no Vaticano, ênfase nos objetos sacros (trono, chaminé da Capela Sistina e gaiolas), que podem ser produzidos com material leve e inteligente. A iluminação cênica deve ser contrastada, criando e desconstruindo oposições como claro/escuro, branco/preto, divino/treva.

FIGURINO E CARACTERIZAÇÃO

Inspirado na série fotográfica “Aves del Paraíso”, de Gaby Herbstein, o figurino deve estabelecer um diálogo entre a forma humana e a dos pássaros, sem buscar a literalidade.

Pombos de rua

Bico curto, penas em tons de cinza e preto e os pés descalços pintados de rosa.

Pombas da paz

Bico curto, penas impecavelmente brancas e os pés descalços pintados de rosa com um anel dourado de identificação.

Corvos

Bico afiado, penas negras e os pés descalços pintados de preto.

ATO I

CENA 1

Metrópole latino-americana.

O som do arrulhar de pombos. Amanhece no telhado precário de um prédio da cidade. Entre uma pequena chaminé enferrujada e uma antena de TV quebrada, o casal de pombos de rua José e Estela dorme empoleirado. José desperta. Espreguiça as patas. As asas. Rodeia a pequena área em busca de alguma migalha, os olhos no chão. Nada. Checa Estela: dormindo. José, então, encara a plateia.

JOSÉ

Rato de asa. Praga urbana. Vetor de doença. Não é assim que vocês chamam a gente? Vocês que são tão humanos. Vocês e as suas máquinas de indiferença sobre rodas. RAAAAAAMM-IIIHHHH-PUFFF (***imitando um carro que arranca-freia-atropela***). Mais um pombo 2D impresso no asfalto. Ali mesmo a gente fica, o corpo estendido, as tripas pra fora. E vida que segue. Sem ritual, sem nada. Quer saber como Tia Jandira morreu? Fez o ninho em cima de um ar-condicionado. Vocês, humanos, donos do ar-condicionado, começaram a reclamar, "tá cheio de pena na varanda", "odeio barulho de pombo", "isso vai dar doença". E mandaram o zelador colocar uma grade isolando o ar-condicionado do céu. Uma semana depois, vocês começaram: "que fedor é esse?", "tá cheio de mosca aqui". E mandaram o zelador voltar lá. O zelador olhou pela grade e Tia Jandira tava presa lá dentro. Tia Jandira não, o que sobrou de Tia Jandira. E dos meus três ex-futuros-primos. Devorados por vermes. Humanos, bem humanos... Agora, a história é outra se a gente mudar a cor das penas. De preta para branca. De pombo de rua para Pomba da Paz, com pê maiúsculo. De praga urbana para garota propaganda de sabonete. Com um quarto de creme hidratante. Símbolo das mais altas aspirações humanas. Espírito Santo. A espécie é a mesma, mas o tratamento... O luxo das gaiolas, cercadas de mordomias. Milho orgânico. Água filtrada. Vitamina. O bem estar. O bem bom. Viver na mão de gente importante. Prefeito, Dalai Lama, presidente, secretário geral da ONU e, se você for mais cagado ainda, nas mãos do Papa, lá no Vaticano. Aí é top, cinco estrelas: Vossa Santidade, a "Pomba do Papa".

Estela desperta.

ESTELA

Falando sozinho de novo, José?

JOSÉ

Sozinho, Estela? Olha em volta. Essa cidade tá infestada de pombo. Falta poleiro. Falta ninho. Falta comida. Falta água limpa. E os casais continuam procriando. Onde esse mundo vai parar, Estela? Essa semana a gente só comeu McDonalds, olha as minhas penas. Cadê aquele brilho perolado?

ESTELA

Para de drama, José. Eu te chamei pra comer comigo aquele resto de hambúrguer vegano. E ainda tinha acompanhamento: salada de quinoa com chia. "Comida de passarinho", você falou.

JOSÉ

A gente pode voltar pro contexto maior?

ESTELA

E qual é o contexto maior?

Os dois respondem juntos:

JOSÉ

O fim dos tempos.

ESTELA

O seu pessimismo.

JOSÉ

O problema não é o meu pessimismo, Estela. É a indiferença dos nossos pares. Oswaldo e Suelly, cada vez que a gente encontra, tem mais um: "conhecem a Vandinha? Eclodiu semana passada". Ué, não era Carlinha o nome dela? "Não, a Carlinha é a da semana retrasada". Faça-me o favor, Estela. Como é que eles vão alimentar esse bando todo?

ESTELA

Você tá sendo desumano.

JOSÉ

Obrigado pelo elogio, Estela. Ser o oposto dos humanos tem sido a missão da minha vida.

ESTELA

A vida de um pombo de rua pode ser tão... vazia, José. Voar, ciscar e cagar – aliás, isso daria um bom livro. E quem sabe um filme. **(voltando)** Suelly e o Oswaldo querem ter uma família grande porque isso dá sentido pra vida deles. E você, José, o que dá sentido pra sua vida?

JOSÉ

Sentido? Pra minha vida? Ah, muita coisa. Err... Cagar na cabeça de um humano. Que mais? Destruir a horta caseira de um humano. Muitas coisas. Muitas coisas, Estela.

ESTELA

Um sentindo construtivo, José!

JOSÉ

Construtivo? Hum. Você, Estela! Você dá sentido pra minha vida. Um sentido construtivo. Que mais, que mais... Muitas coisas dão sentido pra minha vida. Eu só não consigo me lembrar assim, agora, à queima roupa...

ESTELA

José.

JOSÉ

Mas eu vou pensar. Eu vou fazer uma lista de coisas que dão sentido construtivo pra minha vida e te entrego amanhã. Uma lista grande, sem falta...

ESTELA

José.

JOSÉ

Sentido construtivo? Muitas coisas... Eu só não me lembro agora—

ESTELA

JOSÉ!

José encara Estela, assustado com o grito dela.

ESTELA

Eu tô grávida.

Cai a luz.

CENA 2

Telhado precário. Estela está sentada, tranquilamente, sobre um ninho improvisado, feito de uma mistura de galhos e fios elétricos. Segura o ovo no colo. José rodeia o ninho, preocupado.

JOSÉ

Você tem certeza que ele tá 100% quentinho? Porque na sua idade, Estela, é aquilo. O risco dele não vingar na sua idade é 34% mais alto. Um ovo só, a gente não pode arriscar a vida do nosso menino--

ESTELA

Vai ser uma fêmea.

JOSÉ

Fêmea? Claro que não, Estela, vai ser um macho. Fêmeas raramente ocupam posições... hum...

ESTELA

... de poder.

JOSÉ

Isso, infelizmente. Nosso filhote será um macho de penas brancas.

ESTELA

José. Não começa. Um em um milhão. É um acidente genético—

JOSÉ

Minha bisavó era vinte e—

ESTELA

--e sete por cento branca. Eu conheço essa história.

JOSÉ

Imagina, Estela, nosso filho dentro de uma gaiola, seguro, bem alimentado, com uma vida estável, sem ter que descer pra ciscar na calçada.

ESTELA

Você não é o José. Você sequestrou o verdadeiro José. O José original não acredita em pombas da paz, mas em pombas do privilégio.

JOSÉ

Calma, calma, o que eu disse foi—

ESTELA

José, eu NÃO QUERO que ela seja esse 1%. Não é a gente. Pomba da paz? Da paz de quem? Eu tenho orgulho das minhas penas. Como elas são. Elas fazem sentido pra mim assim. E é com elas que a nossa filha vai nascer.

JOSÉ

Estela, nessas horas a gente precisa ser pragmático. A gente precisa pensar na sobrevivência do nosso filhote em primeiro lugar. O que ele vai comer, onde ele vai dormir--

ESTELA

--ELA. O que ELA vai comer, onde ELA vai dormir. Eu não entregaria a minha filha para um humano criar. E eu acho errado que ela seja tratada diferente por causa da cor das penas. Me admira que você tenha mudado de opinião.

JOSÉ

A vida impõe sacrifícios, Estela. Nessas horas a gente não pode ser—

ESTELA

Indiferente. Exatamente o que você está sendo.

JOSÉ

Espera, que horas são? Não tá na hora do seu lanche?

ESTELA

Graças! Eu preciso esticar as patas desesperadamente.

JOSÉ

Você? Na calçada? De jeito nenhum. Deixa que eu cisco pra você. Você fica no ninho.

Estela se levanta, coloca o ovo sobre ninho, cuidadosamente.

ESTELA

VOCÊ fica no ninho.

JOSÉ

Estela, não. Eu não tenho a sua temperatura. Estela, por favor!

ESTELA

José. Eu não tô doente, eu só tô choca. Cinco minutos e eu volto. Para de ser neurótico.

JOSÉ

É ciscar e voltar, Estela.

Estela entrega o ovo a José. Sai do ninho.

JOSÉ
Estela, espera!

José se aproxima de Estela, romântico. Estela ainda está brava com ele. Ele quebra o gelo, devagar. E os dois começam um ritual romântico com o pescoço, como os pombos fazem. Uma despedida.

JOSÉ
Se você não voltar em dois minutos, eu vou acordar o bando inteiro.

ESTELA
Eles vão arrancar sua cabeça e a nossa filha vai nascer sem o pai.

Estela abre as asas e deixa o palco. José se aproxima do ninho. Sobe em cima dele. Pega o ovo em suas asas, com muita cautela e pouca intimidade. Olha em volta, se assegura de que não tem ninguém por perto.

JOSÉ
Opa. Oi, ovo. Quer dizer, filho. Eu sou o seu pai. E... eu prometo só te falar a verdade. Olha, desculpa, mas...o mundo é terrível, é controlado pelos seres desumanos. Nós, pombos de rua, estamos condenados a viver das migalhas dos desumanos, e nada vai mudar. Mas, se você nascer macho e branco, talvez tenha alguma chance.

RAAAAAMM-IIIIIIHHHH-PUFFF. O som de um atropelamento, seguido pelo som de uma revoada de pombos. José olha para baixo, a expressão de horror.

JOSÉ
Estela?

Cai a luz.

CENA 3

Telhado precário. Sentado sobre o ninho, um José partido se agarra ao ovo, sua única esperança. As vozes do casal de pombos de rua Suelly e Oswaldo simulam as vozes na cabeça de José. As falas são entrecortadas pelo arrulhar de pombos.

VOZ OSWALDO
O viúvo e o órfão.

VOZ SUELLY

O que vai ser desse filhote, Oswaldo?

VOZ OSWALDO

Só Deus sabe, Suelly.

VOZ SUELLY

Se é que ele vai vingar.

VOZ OSWALDO

Melhor que não vingue. Ele nunca quis.

VOZ SUELLY

Onde já se viu. A gente nasce pra procriar.

VOZ OSWALDO

Diz que o corpo dela ficou lá por dias.

VOZ SUELLY

Você acha que ele dá conta?

VOZ OSWALDO

Ele nunca levou jeito.

VOZ SUELLY

Não vai ser fácil.

VOZ OSWALDO

Ainda mais assim.

VOZ SUELLY

Sozinho.

As vozes cessam. José se levanta com o ovo nas asas. Olha para o alto, como quem tira satisfação com Deus.

JOSÉ

Eu já entendi. Tá? Eu já entendi, Senhor Deus dos humanos. Não sou eu quem caga na sua cabeça, é você quem caga na minha. Eu já voltei pro meu lugar. Pode parar agora. Pode parar. Vaidoso. Olha o que você fez. Pra provar o seu ponto? Que feio. Quer saber de uma coisa? Eu te desafio. EU TE DESAFIO! Um milagre. Isso mesmo. Não é isso que você faz? Se você é

mesmo o fodão que os humanos dizem que você é, eu quero ver um milagre acontecer, agora, aqui, na frente de todo mundo.

José ergue o ovo aos céus. Um foco de luz se acende sobre o ovo. Um clima sonoro de milagre é formado.

JOSÉ

Eu quero ver nascer desse ovo aqui uma pomba branca. Uma Pomba da Paz. Igual àquela que o seu amigo... como era o nome dele... aquele seu amigo que soltou uma pomba branca da arca pra ver se a enchente... enchente não, o "dilúvio"... enchente é aqui na rua... se o dilúvio tinha acabado. Aquela que voltou pra arca com uma folha de... de... sei lá de que na boca. E que, segundo a sua teoria aí, trouxe a paz de volta pro mundo dos humanos, o seu mundo, quando você desistiu de brincar e chutou o tabuleiro. Então, eu quero ver agora você trazer a paz, o sentido, de volta pra MINHA insignificante vida de pombo de rua.

José fecha os olhos. O clima de milagre se intensifica e... Cessa. Nada acontece.

JOSÉ

Imprestável.

José se cala, perde as forças. Devolve o ovo ao ninho e se senta ali perto. A luz vai caindo devagar até o breu.

De repente... um feixe de luz se acende sobre o ninho. O ovo, agora, é representado por um filhote encolhido em posição fetal. Um coro de vozes masculinas preenche a cena, em tom de anúncio. A forma arredondada do ovo vai, aos poucos, se desfazendo, como se eclodisse na forma de um filhote. Um filhote branco.

José se aproxima, maravilhado. Examina as patas do filhote, seu rosto, suas asas. E...

JOSÉ

Uma fêmea...?

José encara o céu, intrigado.

JOSÉ

100% branca?

José vasculha as penas do filhote, mais afoito, querendo a comprovação. Encontra, embaixo da asa do filhote (na axila)... uma pena preta.

JOSÉ

Não... não vai ser você que vai determinar o futuro do meu filhote.

...José arranca a pena preta do filhote, que dá um pio de dor.

Cai a luz.

CENA 4

Chaminé. Dois filhotes de pombo de rua, uma fêmea e um macho, brincam de mímica, com suas sombras, iluminadas por um poste de luz. O Filhote Macho faz formas com as asas, enquanto o Filhote Fêmea tenta adivinhar ao que aquela sombra remete.

FILHOTE MACHO

Quem sou eu?

FILHOTE FÊMEA

Eu sou... uma lata de coca-cola amassada!

O Filhote Macho nega com a cabeça.

FILHOTE FÊMEA

Eu sou... uma havaiana arrebetada! Um guarda-chuva abandonado! Um caixa de leite pisada! Eu sou...

Nega de novo.

ESPERANÇA

Eu sou uma chupeta mordida que caiu do carrinho de um bebê humano e foi reaproveitada por um bebê humano de rua.

FILHOTE MACHO

Acertou!

Os dois filhotes olham para trás e veem Esperança, uma filhote de pomba branca, fêmea, da mesma idade que eles.

FILHOTE FÊMEA

Ah, é você, Esperança.

Acaba a brincadeira.

ESPERANÇA

Minha vez!

FILHOTE FÊMEA

A gente tem que ir.

FILHOTE MACHO

É, a gente tem que ir.

ESPERANÇA

Mas eu acertei, agora é minha vez de imitar! E vocês adivinham.

FILHOTE FÊMEA

A gente tem que ir.

ESPERANÇA

Logo agora?!

FILHOTE MACHO

É que nossos pais disseram que...

FILHOTE FÊMEA

Patrick! Shhhhh.

ESPERANÇA

Espera. Que que os pais de vocês disseram?

FILHOTE FÊMEA

O seu pai falou pros nossos pais que a gente não pode brincar com você.

ESPERANÇA

O meu pai?! Por que ele falou isso?

FILHOTE FÊMEA

Porque você não pode ter amigos, porque quando você crescer você vai "embora".

ESPERANÇA

"Embora"? Eu não quero ir embora!

FILHOTE FÊMEA

Nem se for pra morar numa gaiola?

FILHOTE MACHO

Uma gaiola... iraaaado.

ESPERANÇA

Eu só vou se vocês forem comigo.

FILHOTE FÊMEA

A gente não pode.

FILHOTE MACHO

É, a gente não pode.

ESPERANÇA

Por que não!?

FILHOTE FÊMEA

Por causa disso.

O Filhote Fêmea encosta sua asa na asa de Esperança, mostrando o contraste.

ESPERANÇA

(levantando a asa) Mas olha, eu tenho uma pen—

(mas a pena preta não está ali) Nada não...

FILHOTE FÊMEA

Esperança, a gente precisa ir, se os nossos pais virem a gente brincando com você, a gente vai ficar de castigo.

Esperança olha em volta.

ESPERANÇA

Espera! Eu tive uma ideia...

Esperança se joga em cima de um monte de cinzas. Rola. Aos poucos, suas penas vão ficando da cor dos outros pombos de rua. Ela levanta, animada, e sorri para os dois, que aprovam o truque. Os três fazem um "toca aqui". Esperança se posiciona para recomeçar a brincadeira de adivinhação, fazendo uma mímica com as asas.

ESPERANÇA

Quem sou eu?

FILHOTE FÊMEA

Eu sou... um iPhone com a tela quebrada?!

Esperança sacode a cabeça negativamente.

FILHOTE MACHO

Eu sou... um cocô um poodle com diarreia?!

Risadas. Esperança balança a cabeça, que não.

FILHOTE FÊMEA

Eu sou...

JOSÉ

...uma filhote encrocada, que vai voltar AGORA para o ninho.

Todos olham para trás - é José, com cara de poucos amigos. Os dois filhotes abrem as asas e somem do palco.

ESPERANÇA

Pai! Você espantou meus amigos!

José se aproxima de Esperança e começa a limpar suas penas.

JOSÉ

Que horror, olha a cor das suas penas, Esperança! Vamo, você vai tomar um banho agora, antes que elas fiquem encardidas pra sempre. Num quero nem pensar! Vamo, vamo, vamo.

Esperança cruza as asas, finca as patas no chão, emburrada.

ESPERANÇA

Eu não vou!

JOSÉ

Olha a malcriação, menina! Uma pomba da paz não se comporta desse jeito!

ESPERANÇA

Eu não quero ser uma pomba da paz! Eu quero ser que nem todo mundo!

José se da conta do conflito da filha. E se senta.

JOSÉ

Esperança. Vem aqui.

ESPERANÇA

Não!

JOSÉ

Tá bom, então eu não vou mais te contar o segredo.

ESPERANÇA

Que segredo?

JOSÉ

Eu só posso contar para quem sentar aqui do meu lado.

Esperança cede e senta do lado do pai.

JOSÉ

Promete que não vai contar pra ninguém?

ESPERANÇA

Juro por tudo que existe, por todas as minhas penas.

JOSÉ

Você sabe por que você é uma pomba da paz?

ESPERANÇA

Duur. Porque eu sou branca.

JOSÉ

Errou. Há muitos e muitos anos, Deus achou que os humanos tavam fazendo muita bagunça aqui na terra e resolveu chutar o balde...

ESPERANÇA

Que balde?

JOSÉ

Não... o balde não. Resolveu dar uma lição, é, uma lição. Aí ele escolheu um desumano e... não, um humano, o Moisés. Aí Moisés... Não, Moisés não, Noé! Isso! E ele falou pro Noé construir um barco bem grande e colocar um casal de cada espécie de animal dentro. Daí ele embarcou o zoológico inteiro... imagina o fedor... inclusive um casal de... pombas brancas.

ESPERANÇA

E um casal de pombos de rua, que nem você e a mamãe, também?

JOSÉ

Isso, também! Todo mundo. Só que aí começou a chover muito. Durante vários dias. Até que alagou tudo e todo mundo que tava fora da arca dançou, morreu, baubau. Animais e humanos.

ESPERANÇA

Mas os peixes e as baleias não morreram porque eles sabem nadar, né?

JOSÉ

Hum, é verdade. Eu nunca pensei nisso. Já sei, é porque a chuva era ácida e derreteu os peixes e as baleias. É isso. Daí Moisés, não, Noé, depois de vários dias navegando, Noé resolveu soltar um corvo pra ver como tava a situação lá fora. Aí o corvo voltou com um pedaço de carne no bico. Noé ficou encasquetado "ué, da onde veio essa carne?", aí ele olhou pra fora e viu que o corvo tinha arrancado o pedaço de carne de um animal morto que tava boiando por ali.

ESPERANÇA

Eca, pai!

JOSÉ

Porque os corvos, filha, são animais sórdidos que só veem carne na frente. Daí, Noé teve uma ideia melhor: as pombas brancas! Ele soltou uma pomba branca, ela voou, voou, voou, mas não achou lugar pra pousar e voltou pro barco. Ou seja, ainda tava tudo alagado. Aí Noé esperou mais um pouquinho e solto a pomba de novo. E dessa vez... ela voltou com uma folha de oliveira no bico, filha!

ESPERANÇA

E daí? Acabou?

JOSÉ

Calma, filha, deixa eu te explicar o espírito da coisa: a folha de oliveira que a pomba branca trouxe no bico queria dizer que a água tava secando e que a paz, filha, tinha voltado pro mundo. E desse dia em diante, nós viramos, quer dizer, vocês, as pombas brancas, viraram o símbolo universal da paz. Não é legal?! Então, hoje, toda vez que um humano solta uma pomba da paz, o mundo fica mais... err... fica um pouquinho menos horrível.

ESPERANÇA

Hum... mas, pai... eu sou mesmo uma pomba da paz? E aquela pena preta que tem debaixo da minha asa—

JOSÉ

Shhh, filha, fala baixo. A gente precisa arrancar aquela pena toda semana, pro resto da sua vida, escutou? Sim, você é uma pomba da paz. Legítima.

ESPERANÇA

Humm... Então eu tenho um poder?!

JOSÉ

Poder? Não...Err...Sim... É um tipo de poder, a gente poderia dizer. Um poder... simbólico! Isso, um poder simbólico.

Esperança junta as asas, como se tivesse soltando um raio de poder. Faz um barulho com a boca:

ESPERANÇA

VRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAW!

JOSÉ

É... quase isso. Por aí. Mas o seu poder ainda tá dormindo.

ESPERANÇA

Dormindo? E como eu faço pra acordar ele?!

JOSÉ

Você voa, filha, você voa. Mas não é qualquer voo mixuruca não. É o "voo da paz".

ESPERANÇA

Voo da paz?

CENA 5

No telhado precário, o clipe de ensaios de Esperança com José:

A) Esperança faz exercícios de ballet clássico, monitorada de perto por José.

JOSÉ

Estica as asas. As patas. Isso, melhor. Inclina um pouco a cabeça. Não - pro outro lado. Isso!

Sem parar de treinar, Esperança pergunta ao pai:

ESPERANÇA

Pai, por que você não tem o mesmo poder que eu?

JOSÉ

Porque eu não sou branco, filha.

ESPERANÇA

Mas isso não é justo! Por que os pombos de rua não podem ter esse poder também?

JOSÉ

São os humanos que escolhem essas coisas, filha, os humanos.

ESPERANÇA

Tá.

B) José segura as asas de Esperança, fazendo um alongamento.

ESPERANÇA

Pai, quando acabar aqui eu posso ir brincar com os meus amigos?

JOSÉ

Não, filha, você tem que dormir, pra acordar cedo e voltar a ensaiar. Lembra que a gente tem que "acordar" o seu poder?

ESPERANÇA

Tá.

C) Esperança faz polichinelos, José faz a contagem.

JOSÉ

37, 38, 39...

ESPERANÇA

Pai, mas quem vai ser o humano que vai me soltar no voo da paz?

JOSÉ

Se tudo der certo, o Papa, filha. Aquele velhinho com um chapéu esquisito. Se tudo der certo, você vai ser a próxima "Pomba do Papa".

ESPERANÇA

A Pomba do Papa... uaaaaau!

JOSÉ

Mas, pra isso, a gente tem que continuar treinando.

D) Esperança faz novos passos de ballet, agora, com um nível de dificuldade maior.

ESPERANÇA

Pai, mas a Pomba do Papa pode ser fêmea?

JOSÉ

Hum. Tecnicamente sim, minha filha.

ESPERANÇA

Mas...

JOSÉ

Mas você vai ser a primeira.

ESPERANÇA

YES!

E) Esperança, agora, está deitada no chão, com uma das asas para o alto. José, debruçado sobre ela, tenta capturar a pena preta de baixo da asa de Esperança (que já cresceu de novo) com uma espécie de pinça – um cortador de pena.

ESPERANÇA

Pai, é verdade que a gente vai morar numa gaiola quando chegar lá no Vaticano?

JOSÉ

Com comida sempre disponível, água e segurança.

ESPERANÇA

Iraaaado!

ESPERANÇA

Mas... por quanto tempo a gente vai morar na gaiola??

JOSÉ

Pra sempre, filha. Depois de cada voo, você volta pra gaiola.

ESPERANÇA

Que maneiro! Mas a gente vai ficar na mesma gaiola, né, pai?

JOSÉ

Filha... o papai não vai.

José puxa o cortador e arranca a pena preta de Esperança, que sai na sua mão. Esperança dá um grito. E se levanta, revoltada.

ESPERANÇA

Não?! Eu só vou se você for comigo!

JOSÉ

Eu não posso, filha.

ESPERANÇA

(gritando)

Eu não vou! Eu não vou! Eu não quero mais ser a Pomba do Papa! Eu não quero! Eu não vou!

José se senta.

JOSÉ

Esperança, não...espera.. vem cá. Err.. Eu tenho uma coisa pra te contar. Um segredo! Isso, um segredo!

ESPERANÇA

Eu não quero saber!

JOSÉ

Nem se for sobre a sua mãe?

Esperança se desarma com a palavra "mãe". Aos poucos, se aproxima do pai.

JOSÉ

Um pouco antes da sua mãe ser... da sua mãe partir, você era um ovo desse tamaninho aqui. Ela pegou você nas asas. E levantou você na direção dos holofotes... quer dizer, na direção do céu. E de repente, tudo parou, filha. As buzinas insuportáveis dos carros. A vozes irritantes dos humanos. Tudo sumiu. Parecia que Deus tinha apertado o pause pra ouvir a sua mãe. E aí, ela pediu. Pediu pra você nascer uma pomba branca. Uma Pomba da Paz. E Deus te enviou.

ESPERANÇA

Mas ela me abandonou.

JOSÉ

Ela não te abandonou. Foi uma... uma troca! Pra você chegar, a sua mãe precisava ir.

ESPERANÇA

Deus sequestrou a mamãe?!

JOSÉ

Não, não! Digamos que ele... convidou sua mãe a se retirar. Gentilmente, claro. E a sua mãe topou. Ela foi embora pra que você pudesse chegar, entendeu?

ESPERANÇA

Então eu matei a mamãe!?

JOSÉ

Não! Você... você deu um sentido pra vida da sua mãe. Isso. Você é o sentido.

Esperança não parece totalmente convencida.

JOSÉ

Agora fecha o olho. Eu tenho uma coisa pra te dar.

Esperança cobre os olhos com as asas. José estende o cortador de penas para ela.

JOSÉ

Pode abrir.

ESPERANÇA

Um cortador de penas?

JOSÉ

Não é qualquer cortador de penas. O cortador de penas da sua mãe. Err... ela costumava usar pra... pra arrancar as penas de pontas duplas! Isso. Agora ele é seu. Pra você levar com você quando chegar a hora. Vai ser o seu amuleto da sorte.

Esperança examina o suposto cortador de penas de Estela, fascinada. Guarda dentro de suas penas. Vai para a beira do palco, olhando para o céu, enche o peito de ar e abre as asas - como se aceitasse o chamado. Cai a luz, devagar.

CENA 6

Um feixe de luz se acende sobre o palco vazio. Escutamos passos. José entra sobre o feixe de luz. Encara a plateia por algum tempo.

JOSÉ

Que foi?

(tempo)

Hein?

(tempo)

Por que vocês tão me olhando assim?

(tempo)

Errado? Eu? Não.

(tempo)

Eu só tô sendo... humano.

(tempo)

José ri. Uma risada nervosa. Que cessa aos poucos. Fica a angústia. Ele deixa o palco.

CENA 7

Luz: Esperança está na mesma posição do final da cena 5, com as asas abertas de frente para a plateia, os olhos apontados para o céu. Mas, agora, Esperança cresceu, é uma moça maior de idade (mesma atriz, porém com mais penas e outra embocadura). Com um ramo de oliveira na boca - como a icônica pomba branca de Noé - Esperança recita uma passagem bíblica. Atmosfera sonora de anúncio. Sua voz embolada por causa do galho gera uma quebra dramática.

ESPERANÇA

"E aconteceu que ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca que tinha feito. E soltou um corvo, que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra. Depois soltou uma pomba, para ver se as águas tinham minguido de sobre a face da terra. E a pomba voltou a ele à tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico; e conheceu Noé que as águas tinham minguido de sobre a terra. Gênesis 8, versículos 6 a 11."

Esperança cospe o galho da boca. Entra José, em ritmo de ensaio.

JOSÉ

A atual Pomba do Papa?

ESPERANÇA

Pombus Orthodoxus.

JOSÉ

Seus três últimos antecessores?

ESPERANÇA

Pombus Antiquadus, Pombus Equívocus e Pombus Pio XII.

JOSE

Discorra sobre vossa santidade Pombus Orthodoxus.

ESPERANÇA

Um pacifista, responsável pela encíclica Pactus Corvus, que encerrou a mítica hostilidade entre pombas brancas e corvos. Em troca de alimento dado pelos humanos, os corvos fazem a guarda das pombas brancas, antes e durante os voos da paz, o que reduziu a zero o número de ataques aéreos. Pombus Orthodoxus teve o mais longo Pombado da História Moderna. Especialistas especulam que ele deve anunciar sua aposentadoria nos próximos meses.

JOSÉ

Isso quer dizer que nós pombos devemos confiar de olhos fechados nos corvos, certo?

ESPERANÇA

Errado. Os corvos tem uma natureza vil e carniceira.

JOSÉ

O que se expressa no seguinte ditado espanhol...

ESPERANÇA

“Cría cuervos y te sacarán los ojos”

JOSÉ

Traduzindo...

ESPERANÇA

"Cria corvos e eles te arrancarão os olhos".

JOSÉ

Exato.

Entra Pombo Correio, um pombo de rua com uma bolsa-carteira a tiracolo.

POMBO CORREIO
EXTRA, EXTRA!

JOSÉ

Meu caro Pombo Correio, eu não quero ser mal educado, mas já é décima vez que eu cancelo a minha assinatura e a gente tá muito ocupado—

POMBO CORREIO

É porque o senhor não sabe da última promoção: assinando o jornal diário, o cliente vai estar levando de graça a revista "Penas", com tudo que acontece no mundo das celebridades de penas brancas—

JOSÉ

A resposta é não-obrigado.

ESPERANÇA

Pai, fala direito com ele. Obrigada, Pombo Correio, mas a gente tá precisando juntar dinheiro pra viagem.

POMBO CORREIO

Ok.

Pombo Correio vai saindo do palco.

POMBO CORREIO
EXTRA, EXTRA! Pombus Orthodoxus anuncia sua aposentadoria—

A notícia captura a atenção de José.

JOSÉ

Espera, espera, espera! A gente vai querer ouvir sim... só a manchete, pode ser?

POMBO CORREIO

Ok.

Pombo Correio abre a boca. José, contrariado, saca alguns milhos de dentro das penas e deposita no bico aberto de Pombo Correio. Ele engole e retoma:

POMBO CORREIO

Pombus Orthodoxus anuncia sua aposentadoria depois do Pombado mais longo da História Moderna. Com isso, está oficialmente aberto o conclave que vai eleger a próxima Pomba do Papa.

José e Esperança se olham empolgados. José saca uma mala – que é uma sacola do McDonalds - e eles começam a colocar pertences dentro dela, enquanto Pombo Correio continua a matéria.

POMBO CORREIO

Como prevê a liturgia, serão aceitos imigrantes de qualquer parte do mundo, de ambos os sexos, criados na rua ou em cativeiro, sem discriminação qualquer! Contanto, que sejam 100% brancos, é claro. Esse ano, medidas de segurança adicionais serão tomadas para evitar fraudes na disputa: um detector de penas falsas, à base de luz negra, foi instalado na Capela Sistina para coibir o uso de água sanitária para descolorir a plumagem...

Mala feita, José e Esperança abrem as asas e saem do palco. Pombo Correio não percebe e continua:

POMBO CORREIO

Aquele candidato que apresentar o melhor "voo da paz", aos olhos dos membros do conclave, será eleito a nova Pomba do Papa. Os interessados devem migrar até o telhado da Capela Sistina, no Vaticano, até o próximo dia 31 do mês. As pombas brancas habilitadas serão engaioladas--

Finalmente percebe que ficou sozinho.

POMBO CORREIO

...separadamente.

Cai a luz.

ATO II

CENA 8

Cidade do Vaticano.

No telhado preservado da Capela Sistina, ao lado da famosa chaminé de onde tradicionalmente sai a fumaça que anuncia a eleição dos pontífices - José estende a mala para Esperança. Esperança segura de um lado, mas José resiste em soltá-la, do outro.

JOSÉ

Checklist: xampu anti-frizz para penas claras?

ESPERANÇA

Aham.

JOSÉ

Lustrador de bico?

ESPERANÇA

Aham.

JOSÉ

E, o mais importante: cortador de penas? Quer dizer, amuleto da sorte?

ESPERANÇA

Siiiiim. Pai, eu não sou mais uma criança.

JOSÉ

Lembra de manter as penas esticadas ao máximo durante o voo. Não deixa de praticar, Esperança, todo dia quando acordar. E não esquece os pronomes de tratamento, Vossa Eminência, Vossa Santidade, nada de chamar os outros por "você", senão eles vão ficar empombados—

ESPERANÇA

Pai!

Um momento. José realiza que está diante de uma despedida. E, finalmente, solta a alça mala.

ESPERANÇA

Pai, e se eu não for eleita?

JOSÉ

Se você não for eleita, eu vou estar na Praça São Pedro, plantado, do lado de um pipoqueiro... dizem que a pipoca doce do Vaticano é uma ma-ra-vi-lha... ao lado do pipoqueiro, filha, te esperando. Escutou?

ESPERANÇA

E se eu for eleita?

José se cala, sem conseguir dizer o óbvio: "a gente nunca mais vai se ver".

ESPERANÇA

Aí gente nunca mais vai se ver.

JOSÉ

Se você for eleita, você vai estar mais perto da sua mãe. Diz pra ela que eu tô com saudade?

José se emociona. Esperança começa o ritual com o pescoço, o mesmo que José e Estela faziam. Pai e filha se despedem. Esperança abre as asas, em um gesto de partida.

JOSÉ

Filha! Só mais uma coisa. Por favor, não esquece de arrancar a sua pena, toda semana, porque você sabe que—

ESPERANÇA

... "as penas crescem de novo". Eu sei, pai.

JOSÉ

Boa sorte, meu amor.

Um último olhar entre pai e filha. Cai a luz.

CENA 9

Ambiente fechado e escuro. Ao fundo, uma pequena janela enquadra a chaminé da Capela Sistina. Por essa janela, um feixe de luz ilumina Esperança, no centro do palco.

As vozes masculinas de um canto gregoriano se unem ao badalar dos sinos e... uma gaiola redonda desce, lentamente, sobre Esperança, a pomba da paz.

A gaiola toca o chão num estrondo, seguido de um silêncio cortante. Esperança encosta nas grades, num misto de espanto e encantamento. É a sua primeira vez dentro de uma gaiola. Com a cabeça para fora, tenta enxergar ao redor, na penumbra.

ESPERANÇA

Vossa Eminência? Alguém? Eu tô aqui há um tempo já e eu ainda não recebi a minha bagagem. Na verdade, há bastante tempo. Me disseram pra eu esperar. Meu nome é Esperança. Alguém?

Um vulto passa por detrás da gaiola, rapidamente, e some na penumbra.

ESPERANÇA

Oi! Vossa Eminência?

VOZ FEMININA SOLENE

Você não deveria estar aqui.

ESPERANÇA

Na verdade, eu deveria sim, eu fui habilitada. Eu só queria saber quando a minha mala chega. Quem está aí?

VOZ FEMININA SOLENE

Você não deveria estar aqui.

ESPERANÇA

Não tô entendendo porque você... porque Vossa Eminência está dizendo isso.

VOZ FEMININA SOLENE

Você tem que ir embora.

ESPERANÇA

Embora? Mas por quê? Eu me preparei a vida toda pra chegar aqui—

VOZ FEMININA SOLENE

Aqui não tem lugar pra você. Você deveria saber disso.

ESPERANÇA

Mas, eu fui aceita na triagem!

VOZ FEMININA SOLENE

Nenhuma fêmea foi eleita até hoje, porque você acha que com você vai ser diferente?

ESPERANÇA

Porque meu nome é “Esperança, a última a morrer”!

O vulto se aproxima da gaiola e se torna visível: a voz feminina solene era a voz de Pietra, um corvo fêmea, guardiã de Esperança. Pietra segura uma chave.

ESPERANÇA

E você é...

As duas se encaram por alguns instantes. Pietra coloca a chave na fechadura da gaiola e abre a porta. E perde a voz solene--

PIETRA

Um corvo. Sua guardiã. Pietra. Vai. Agora sai.

Esperança, ao contrário, se afasta da porta.

ESPERANÇA

Eu só saio dessa gaiola quando Vossa Santidade ordenar. Se você se aproximar de mim, eu vou gritar.

Devagar, Pietra se aproxima da porta aberta, como se fosse entrar na gaiola.

ESPERANÇA

SOCORRO! SOCORRO!

Pietra não se afeta com os gritos de Esperança. Calmamente, fecha a porta da gaiola. E a tranca de volta.

ESPERANÇA

Cría cuervos que te sacarán los ojos.

PIETRA

Pra que você quer seus olhos, se você não enxerga o óbvio?

ESPERANÇA

Eu quero a minha mala.

PIETRA

Sinto muito. Ela já foi incinerada.

ESPERANÇA

Incinerada?! Não!

PIETRA

"Nada de pessoal deve entrar com o candidato, blá, blá, blá", é o que eles dizem.

ESPERANÇA

Não! Eu preciso da minha mala! Tem uma coisa muito importante pra mim lá dentro!

PIETRA

Me diz o que é e talvez eu possa ter visto.

ESPERANÇA

É o meu... cortador de penas.

PIETRA

Vocês, pombas brancas, e suas futilidades. Como viver sem um cortador de penas, sem um lustra-bico, sem o milho orgânico, sem o banho de sol matinal, sem uma--

ESPERANÇA

...mãe.

Pietra desmonta.

ESPERANÇA

Era o cortador de penas dela. E minha mãe era um pombo de rua, você não sabe o que você tá falando. Agora me deixa que eu preciso ensaiar?

Esperança dá de ombros e começa a fazer passos de ballet.

PIETRA

Você devia saber que cortadores de penas são estritamente proibidos por aqui. Mas, se ele é mesmo importante pra você... toma.

Pietra saca o cortador de penas de Estela e o estende por entre as grades. Esperança se vira, surpresa, e pega o cortador.

PIETRA

Eu também perdi a minha mãe.

Esperança encara Pietra, surpresa.

ESPERANÇA

Como?

PIETRA

Capturada para “fins científicos”. Os humanos descobriram que os corvos são os pássaros mais inteligentes do mundo. Eu não sei da onde eles tiraram isso, eu conheço tanto corvo estúpido.

ESPERANÇA

Como você pode falar assim da sua própria espécie?

PIETRA

Tendo “ojos” para ver. E a sua mãe, como foi que ela...

ESPERANÇA

Quando eu ainda era um ovo ainda, minha mãe fez um pacto com Deus: ela iria embora com ele pra sempre e, em troca, Deus mandaria um filhote branco, uma pomba da paz, para o meu pai. Foi assim.

Pietra encara Esperança, intrigada... e tem uma crise de riso. Esperança se ofende.

ESPERANÇA

Você tá rindo de quê?!

PIETRA

Desculpa, mas... Foi seu pai que te contou essa bobagem, né?

ESPERANÇA

Ele tava lá e viu tudo! E não é bobagem!

PIETRA

Sempre eles, os machos. Pomba da Paz, Coelhoinho da Páscoa, Peru de Natal, no que mais você acredita?

ESPERANÇA

Na natureza vil e carniceira dos corvos!

Esperança se vira de costas, evitando Pietra.

PIETRA

Vou te deixar em “paz”, senhora Espírito Santo.

ESPERANÇA

Shhhhhhhhh!

Cai a luz.

CENA 10

Dentro de uma gaiola dourada, sentado em um luxuoso trono dourado, a silhueta de Pombus Orthodoxus, a Pomba do Papa - plumagem longa como a bata de um Papa e, sobre a cabeça, uma solene mitra dourada, usada por um Papa. Orthodoxus escuta com tédio o comunicado de Pombus Cardinalis - plumas brancas e um solidéu vermelho sobre a cabeça, como o de um cardeal romano. Eles tem um carregado sotaque italiano.

POMBUS CARDINALIS

Os números da migração para o santo conclave pombal estão dentro do esperado, Vossa Santidade. Os candidatos habilitados já foram acomodados em suas respectivas gaiolas, cada um sob a proteção do seu respectivo corvo guardião. Há apenas um pequeno detalhe que eu gostaria de tratar com Vossa—

Pombus Cardinalis é interrompido pela longa sequência de uma tosse carregada, de fumante, de Orthodoxus. A tosse cede, Cardinalis retoma.

POMBUS CARDINALIS

Como eu dizia, Vossa Santidade—

Outra sequência de tosse. A tosse vai cedendo aos poucos.

POMBUS CARDINALIS

Há um pequeno detalhe—

Mais uma sequência. Pombus Cardinalis coloca a cabeça para fora das grades da gaiola.

POMBUS CARDINALIS

Enzo! Água para Vossa Santidade!

Pelo lado de fora da gaiola, surge Enzo, o corvo guardião de Ortodoxus, apressado, submisso, carregando uma bandeja de prata e, sobre ela, um cálice de vidro e uma solene jarra d'água.

POMBUS ORTODOXUS

(em meio à tosse)

Água non. Vino!

POMBUS CARDINALIS

Vino, Enzo! Vino...

Enzo volta com a mesma pressa que veio. Reaparece, agora, trazendo uma solene jarra de vinho.

POMBUS ORTODOXUS

Vinho non. Whisky!

POMBUS CARDINALIS

Whisky, Enzo! Whisky...

Enzo volta com uma garrafa de uísque nada solene. Serve o cálice de uísque e a estende para Ortodoxus por entre as grades da gaiola.

POMBUS ORTODOXUS

Inútil.

ENZO

Disponha, Vossa Santidade.

POMBUS ORTODOXUS

Nobre Pombus Cardinalis. Se é um detalhe à que Vossa Eminência se refere então necessariamente é pequeno. Enzo, por acaso você já ouviu falar de um grande detalhe?

Enzo faz menção de responder.

POMBUS ORTODOXUS

Não responda. Se o detalhe fosse grande, não seria um detalhe, logo, a sua colocação é carente de inteligência, Vossa Eminência.

POMBUS CARDINALIS

Vossa Santidade Pombus Ortodoxus está coberto de razão, foi uma infeliz escolha de palavras, eu não deveria ter—

POMBUS ORTODOXUS
PROSSIGA!

Ortodoxus retira um charuto da plumagem e o acende.

POMBUS CARDINALIS

Houve um evento inesperado durante o processo de triagem, e eu, juntamente com outros membros, decidi... nós decidimos acolher um candidato peculiar para esse conclave. Peculiar não, excêntrico talvez. Excêntrico não, particular. Ou seria—

POMBUS ORTODOXUS
DESEMBUCHE!

POMBUS CARDINALIS

Uma fêmea. É. Uma candidata fêmea.

Ortodoxus puxa a fumaça do charuto lentamente. Solta argolas de fumaça para o alto. Levanta-se.

POMBUS ORTODOXUS
Uma fêmea.

Ortodoxus ronda Cardinalis, como um predador faz com sua presa. Remove delicadamente o solidéu da cabeça de Cardinalis.

POMBUS ORTODOXUS
E como ela se chama, a fêmea?

POMBUS CARDINALIS

Esperança, Vossa Santidade. Esperança.

Ortodoxus vira o solidéu de cabeça para baixo. E bate as cinzas do charuto dentro dele, fazendo-o de cinzeiro.

POMBUS ORTODOXUS

E eu posso saber, baseado em que, Vossa Eminência e seus colegas do conselho decidiram quebrar a tradição e engaiolar uma... fêmea?

POMBUS CARDINALIS

Desempenho, Vossa Santidade. A apresentação preliminar da candidata foi irretocável. Algo que não presenciávamos há tempos. Ademais, nossa escolha está prevista na liturgia, ainda que não se tenha registro na história, e se baseou no clamor popular pela renovação e modernização—

POMBUS ORTODOXUS

Modernização. Renovação. Clamor popular. Belas palavras. Muito bem. Que assim seja.

Cardinalis assume um ar de surpresa.

POMBUS CARDINALIS

Vossa Santidade não se opõe?

POMBUS ORTODOXUS

Eu? Quem sou eu? Uma Pomba velha em fim de carreira.

POMBUS CARDINALIS

Que absurdo, Vossa Santidade é um ícone—

POMBUS ORTODOXUS

Obrigado, Vossa Eminência. Pode ir.

Enzo saca uma chave, abre a porta da gaiola. Cardinalis vai saindo.

POMBUS ORTODOXUS

Não está se esquecendo de nada, Cardinalis?

Cardinalis percebe que está sem o seu solidéu. E volta ao encontro de Orthodoxus. Orthodoxus bate mais uma vez as cinzas do seu charuto, que caem em brasa dentro do solidéu. E o coloca sobre a cabeça de Cardinalis, pressionando com força. Cardinalis trica os dentes de dor, sentindo a cabeça queimar.

POMBUS ORTODOXUS

Agora sim.

Cardinalis sai, atordoado pela queimadura.

POMBUS ORTODOXUS

Enzo, meu caro, já acabei.

Orthodoxus ergue o cálice de uísque vazio para fora da gaiola. Enzo vem correndo, mas Orthodoxus solta o cálice no chão, de propósito, segundos antes de Enzo conseguir alcançá-lo: CRASH! Enzo se ajoelha imediatamente, catando os cacos.

ENZO

Perdão, Vossa Santidade. Perdão.

Cai a luz.

CENA 11

Luz: Pietra encara a plateia, diante de uma tigela metálica com pedaços de carne crua sangrenta dentro.

Giacomo, um corvo macho, surge ao lado de Pietra, a boca salivando, o olhar fixo na tigela. Os dois corvos abrem espaço para o patriarca Enzo, o corvo guardião de Pombus Orthodoxus, que entra soberano - totalmente diferente do pateta da cena anterior.

Enzo se aproxima da tigela. Coloca um pedaço de carne na boca. Mastiga. Engole. E estala o dedo - no sinal, Giacomo se atraca com a tigela, faminto, animalesco. Já Pietra, sem fome, pega um pedaço de carne com as asas e o encara, pensativa.

PIETRA

Uma fêmea.

ENZO

Quem diria.

Pietra devolve o pedaço de carne para a tigela.

ENZO

Coma, Pietra.

PIETRA

Eu não tenho fome.

ENZO

Você nunca tem fome, minha filha. Esse é o seu problema. Veja Giacomo, seu irmão. Carniceiro como um corvo deve ser.

PIETRA

O que a gente vai fazer?

ENZO

Por que a gente faria alguma coisa?

PIETRA

A fêmea não foi engaiolada para ser a próxima Pomba do Papa.

ENZO

Quem eles elegem como líder é um assunto deles. E quem eles descartam, também.

Enzo pega outro pedaço de carne e coloca na boca. Mastiga enquanto fala. Giacomo continua afundado com a cara na tigela.

PIETRA

"É um assunto deles". Você sempre fala isso.

ENZO

E eu sempre estou certo.

Pietra se afasta da tigela de carne, enjoada.

PIETRA

Por que você é assim, meu pai?

ENZO

Astuto?

PIETRA

Dócil.

ENZO

Eu não sou dócil, Pietra. Eu atuo. A imitação é um dom natural dos corvos.

PIETRA

Mas o prazer pela humilhação, não.

Enzo para de comer, ofendido com a fala de Pietra. Giacomo se ofende com a fala de Pietra.

ENZO

Perdão?

PIETRA

A encíclica Pactus Corvus, que o SENHOR assinou, fala sobre uma cooperação mútua entre pombas e corvos. Uma cooperação baseada na troca de benefícios e na autonomia entre as duas espécies. Mas aquilo...? Aquilo tem outro nome.

ENZO

Que nome, Pietra?

PIETRA

Submissão.

Enzo pega um pedaço de carne e começa a despedaçá-lo, didaticamente, enquanto fala:

ENZO

Uma visão aguda, para captar o menor dos movimentos da presa. Garras afiadas para imobilizar e estraçalhar os ossos da presa. E um bico curvo capaz de perfurar a pele e arrancar as tripas da presa num só golpe. E um cérebro exaltado até pelos humanos. Eu... submisso a uma pomba branca velha?

Enzo solta a carne despedaçada na tigela. E começa a rir. Giacomo o acompanha na gargalhada, submisso.

PEITRA

Então seja um corvo!

ENZO

Você não sabe o que é ter que matar, todo dia, pra comer, menina!

PIETRA

Eu sei o que é perder a liberdade em troca de comida. Qual o sentido disso?

ENZO

A liberdade é uma farsa. Nenhum animal é livre. Nem os humanos. Eles são escravos deles mesmos. Qual o sentido disso? Esse é o sentido--

Enzo ergue a tigela e derrama o sangue que sobrou na própria boca, deixando escorrer pelas suas penas até o chão. Pietra o assiste, enojada.

Cai a luz.

CENA 12

Dentro da gaiola dourada de Orthodoxus, dois focos de luz revelam o Candidato 1, uma pomba branca macho e, ao lado dele, Esperança. Os dois em pose de ballet clássico. Música clássica, começa a apresentação: ambos fazem a mesma coreografia, harmônica e coesa - o voo da paz.

O Candidato 1 não é ruim, mas claramente é inferior a Esperança. Os movimentos dele são menos apurados, menos precisos, há aqui e ali um erro de execução. Já Esperança é impecável. Os dois terminam a coreografia com um gran finale.

Palmas ecoam do fundo do palco. A luz acende revelando: Ortodoxus, sentado em seu trono dourado. Ao lado, Cardinalis faz notas em um caderninho. Do lado de fora da gaiola, Enzo monta a guarda com a garrafa de uísque e o cálice sagrado sobre a bandeja.

POMBUS ORTODOXUS

Bravo, bravo.

Esperança se curva em reverência, seguida pelo Candidato 1.

POMBUS CARDINALIS

(lendo o bloquinho)

Vamos à pontuação. Candidato 1: Execução mediana. Adagio instável. Rond de jambe com angulação insuficiente. Fondu sem altura. Três faltas.

POMBUS ORTODOXUS

Eu gostei.

Cardinalis assume um ar de espanto.

POMBUS CARDINALIS

Vossa Santidade, três faltas é o suficiente para desclassifi—

POMBUS ORTODOXUS

Classificado para a final. Pode se retirar, Candidato 1.

O Candidato 1 faz uma reverência, feliz com a notícia. Do lado de fora, Enzo abre a gaiola e o candidato sai.

POMBUS CARDINALIS

Vamos à Candidata 2. Execução precisa dos movimentos de asa, alongamento e angulação executados à perfeição. Zero falta, em suma, classificada—

POMBUS ORTODOXUS

Eu ainda não estou convencido.

ESPERANÇA

Se você quiser, eu posso repetir o voo—

POMBUS ORTODOXUS

(para Cardinalis)

"Você"? Está vendo, ela não aprendeu o mais importante, Vossa Eminência: os pronomes de tratamento.

ESPERANÇA

Perdão, Vossa Santidade, perdão.

POMBUS ORTODOXUS

Em um dia comum, Candidata 2, eu já lhe teria eliminado. Há algo de arrogante no seu voo. Uma vaidade disfarçada. Tradicionalmente, o voo da paz deve estar esvaziado do "eu". Não existe-- como é mesmo o seu nome, candidata?

ESPERANÇA

Esperança, Vossa Santidade, Esperança.

POMBUS ORTODOXUS

Pois bem, não existe "Esperança" no voo da paz. Apenas entrega. Desapego. Abnegação.

Ortodoxus estala os dedos na direção de Enzo. Sobressaltado, Enzo serve o cálice sagrado com uísque e o entrega a Orthodoxus pela grade. Orthodoxus dá um longo gole.

POMBUS ORTODOXUS

Renúncia. Deve haver renúncia. Não é verdade, Enzo?

ENZO

Renúncia. Sim, Vossa Santidade, renúncia.

POMBUS ORTODOXUS

Nobre Cardinalis?

POMBUS CARDINALIS

Renúncia.

POMBUS ORTODOXUS

Compreende, candidata?

ESPERANÇA

Sim, Vossa Santidade. Renúncia.

Ortodoxus se levanta. E se aproxima por trás de Esperança.

POMBUS ORTODOXUS

Com a idade, vem a compaixão. E eu vou lhe dar uma segunda chance, Candidata 2. Uma oportunidade para a senhorita usar a sua vaidade em seu favor. E, quem sabe, se tornar uma das três finalistas ao meu Pombado.

ESPERANÇA

Eu agradeço a Vossa Santidade pela chance. E prometo que darei o meu melhor para—

POMBUS ORTODOXUS

--me agradar. Ótimo. Eis a sua tarefa: deixe de lado a liturgia por um instante. Muito se fala sobre renovação. Modernização é a palavra, Cardinalis?

POMBUS CARDINALIS

Modernização, Vossa Santidade.

POMBUS ORTODOXUS

Pois bem, que assim seja.

Ortodoxus coloca suas asas por cima das asas de Esperança, por trás, demonstrando como seria o voo. O gesto assediador ainda é sutil e disfarçado. Esperança se sente acuada, mas se esforça para não demonstrar. Orthodoxus vai batendo as asas de Esperança, enquanto explica:

POMBUS ORTODOXUS

Eu quero que a senhorita dê um novo sentido para o voo da paz. O seu sentido pessoal. O sentido da Esperança.

POMBUS CARDINALIS

Vossa Santidade, eu receio que esse procedimento não esteja previsto na liturgia—

POMBUS ORTODOXUS

Até o final do meu Pombado, Vossa Eminência, EU sou a liturgia.

(para Esperança)

Pode se retirar, Candidata 2.

Ortodoxus solta as asas de Esperança. Ela cumprimenta Orthodoxus com uma reverência, vai até a porta, que é aberta por Enzo, e sai.

Ortodoxus vira o cálice, num último gole. Ergue-o para fora da gaiola... Enzo vem correndo... Orthodoxus solta a taça... Enzo se joga no chão e, dessa vez, consegue pegá-lo a poucos centímetros do chão. Cai a luz.

CENA 13

Voices masculinas de um canto gregoriano. Luz: Sozinha em sua gaiola, Esperança, uma asa levantada, usa seu cortador para arrancar a pena preta, que já cresceu, de baixo da asa. Puxa a pena e—

ESPERANÇA

Aí!

PIETRA

Então é pra isso que você precisa de um cortador de penas.

Luz sobre Pietra, do lado de fora da gaiola. Esperança esconde a pena preta.

ESPERANÇA

Pra isso o quê?

PIETRA

Eu não vou contar pra ninguém. Não sou eu a sua inimiga aqui.

ESPERANÇA

Licença, eu preciso ensaiar.

Esperança começa a ensaiar: tenta criar uma coreografia, na chave do ballet clássico. Para, refaz um movimento, apura, tenta outras combinações - não está convencida. Pietra a observa. Esperança interrompe o ensaio.

ESPERANÇA

Você pode parar de me olhar desse jeito?

PIETRA

De que jeito?

ESPERANÇA

Desse jeito.

Pietra vira de costas para Esperança. Esperança volta a ensaiar, e... Interrompe de novo.

ESPERANÇA

Assim também não. Você pode ficar normal?

PIETRA

Eu não posso ficar de frente, eu não posso ficar de costas. Você tá dificultando o meu trabalho.

ESPERANÇA

Você pode ficar de frente, mas não precisa me olhar "daquele jeito".

PIETRA

De que jeito?

ESPERANÇA

"Daquele jeito".

PIETRA

Se você não me explicar qual é o jeito que eu te olho, eu não vou poder te olhar de outro jeito.

ESPERANÇA

Sei lá, de um jeito... como se eu fosse um... pedaço de carne.

PIETRA

Não é assim que eu te olho. Isso é o que você vê quando olha para um corvo.

ESPERANÇA

E o que um corvo vê quando olha pra uma pomba da paz?

PIETRA

Muitas coisas. Depende.

ESPERANÇA

Depende de quê?

PIETRA

Depende da pomba da paz.

ESPERANÇA

Pra mim. Quando olha pra mim. O que um corvo vê?

PIETRA

Depende do corvo.

ESPERANÇA

Você! O que você vê?

PIETRA

Por que você quer saber?

Esperança suspira, desanimada, confusa.

ESPERANÇA

Deixa.

PIETRA

Agora fala.

ESPERANÇA

É que... Nada fazia mais sentido pra mim do que chegar aqui. Todos os dias da minha vida eu acordei pensando nisso, todas as noites eu fui dormir pensando nisso. Tudo que eu fiz até aqui foi pra esse momento. Mas agora, depois do que Vossa Eminência me pediu, eu já sei mais de nada...

PIETRA

O que ele pediu?

ESPERANÇA

Pra eu dar um novo sentido pro voo da paz, um sentido pessoal. Meu.

PIETRA

Estranho. Isso não parece fazer parte da liturgia.

ESPERANÇA

Vossa Eminência quer reformar a liturgia, você não acha isso bom?

PIETRA

Acho, mas... não combina com as preocupações dele.

ESPERANÇA

Se você vai me desencorajar, é melhor você sair. E eu não posso falhar.

Tempo.

PIETRA

O que Esperança vê quando olha para Esperança?

ESPERANÇA

Não sei... Eu olho para dentro e eu não vejo nada.

Esperança reflete por um tempo.

ESPERANÇA

Quando eu era um filhote, lá no telhado, eu brincava de sombra com os meus amigos. Um imitava um objeto e os outros tentavam adivinhar, pela sombra, que objeto era esse. O mais legal é que a gente podia ser o que a gente quisesse. Por alguns segundos, pelo menos.

PIETRA

Eu topo.

ESPERANÇA

Não. Era coisa de filhote. Eu tenho que ensaiar.

PIETRA

Você faz a mímica. Eu adivinho. Vamo!

ESPERANÇA

Tá... mas rápido. Enquanto eu imito, você fala assim "Eu sou..." e vai tentando adivinhar o que eu tô tentando ser. Valendo...

Uma luz projeta a sombra de Esperança no fundo do palco. Ela faz movimentos com as asas, criando sombras e formas.

PIETRA

Eu sou... uma fêmea perfeita. Eu sou... penas brancas e puras, como eles gostam. Eu sou... um peito vazio de sentido. Eu sou... um mundo que não existe em mim.

Esperança interrompe a brincadeira, ofendida.

ESPERANÇA

Não é assim que brinca. Você não sabe.

PIETRA

Calma, eu tô começando! Me dá mais uma chance.

ESPERANÇA

NÃO! Chega. Eu tenho que ensaiar.

Esperança começa a ensaiar sua coreografia de ballet clássico. Sua sombra continua sendo projetada ao fundo.

PIETRA

Eu sou... Eu não sou. Eu fui. Eu fui um filhote que cresceu aparando a fêmea que crescia em mim.

Esperança interrompe o ensaio, séria.

ESPERANÇA
PARA, PIETRA!

Agora, a sombra de Esperança projetada ao fundo está imóvel.

PIETRA
Eu fui as vozes deles dizendo o que eu deveria esperar de mim mesma. E o que eu deveria arrancar de mim mesma.

ESPERANÇA
VOSSA EMINÊNCIA, VOSSA EMINÊNCIA!

PIETRA
Eu fui o nunca falar. Eu fui o sempre obedecer. Eu fui quieta. Eu fui dócil. Eu fui agradável. Não mais.

As palavras de Pietra batem fundo em Esperança.

Pietra começa a se mover de uma forma esquisita. Pulsante. Entramos na chave da dança contemporânea. As notas musicais crescem, caóticas, imperfeitas. Reais.

PIETRA
(coreografado)
Eu sou o dia de parar de fingir. Eu sou e serei cada dia mais a propulsora das minhas próprias asas, o chão sob as minhas próprias patas. Eu sou uma voz que grita dentro dela. Eu sou o grito que ela sempre ouviu, mas aprendeu a ignorar. Eu sou o grito ancestral que faz vibrar os ossos dela. Eu sou o meu grito querendo sair pelas minhas penas. Eu sou e eu escuto esse grito.

ESPERANÇA
Eu não escuto nada.

PIETRA
Eu escuto esse grito.

ESPERANÇA
Eu não consigo.

PIETRA
Eu consigo.

PIETRA

Eu comi todos eles.

ENZO

Pelo visto você comeu também as suas obrigações de guardiã ou eu não teria achado isso aqui na gaiola da pombinha...

Pietra para de comer e encara Enzo, que segura o cortador de penas de Esperança.

PIETRA

O nome dela é Esperança.

ENZO

A partir de hoje, você não é mais a guardiã dela.

PIETRA

QUÊ?! Você não pode me impedir! Eu vou AGORA falar com Cardinalis—

Enzo segura Pietra, forte, pelo braço.

PIETRA

Me larga.

ENZO

Você vai ficar no seu lugar e você não vai falar nada.

PIETRA

Se não...

ENZO

...se não, eu vou ser obrigado a entregar a sua amiguinha. E você sabe o que acontece com quem é pego com cortadores de penas aqui dentro, não sabe? Banimento. Como você pode colocar a SUA família, a SUA espécie, em risco, Pietra? E não me peça para defender o seu pescoço quando eles descobrirem que você é cúmplice dessa pomba fêmea idiota. É VOCÊ que nunca mais vai ver a cor vermelha dessa carne sangrenta que você, agora, se refastela com tanto gosto.

Pietra se desvencilha de Enzo. Vai até a tigela. Ergue a tigela no alto. Olha no fundo dos olhos do pai, num gesto de afronta. E vira as carnes no chão. O sangue forma uma poça.

ENZO

Pega, AGORA, essa carne e coloca de volta na tigela.

Pietra, ao invés disso, PISA em cima da carne sangrenta, devagar. Pisa com MAIS FORÇA. PULA em cima da carne. Enzo se aproxima de Pietra. Acerta sua cara com um tapa. Pietra cai no chão.

PIETRA

SEU COVARDE!

Pietra parte para cima do pai. Giacomo entra no meio e a detém. Pietra ataca Giacomo, mas ele é mais forte e a imobiliza totalmente no chão. Enzo se aproxima.

ENZO

(para Giacomo)

Gaiola. E jejum.

Cai a luz.

CENA 15

Esperança dorme em sua gaiola. Amanhece. Um feixe de luz a acorda. Ela se levanta, animada.

ESPERANÇA

É hoje, é hoje! Pietra! É hoje! Pietra?

E vê a silhueta de um corvo se aproximando, sem se deixar ver totalmente. O corvo para.

ESPERANÇA

Onde você foi? Eu queria te falar que... eu tenho um monte de coisa pra te falar... parece que depois de ontem, tudo se encaixou, sabe? Eu acho que eu encontrei. Eu encontrei o sentido. Aquilo que eu tava procurando. O meu voo. O meu lugar aqui. No mundo. Eu vou mudar tudo, Pietra, foi pra isso que eu vim. A gente precisa se unir, sabe? Imagina, a gente voando em bando!? Todas as fêmeas de todas as espécies, juntas... Pietra?

O corvo entra debaixo da luz e se revela— é Giacomo.

ESPERANÇA

Oi... Eu achei que. Onde tá a Pietra?

Giacomo corveja (o som dos corvos), ele não fala. Aproxima-se da gaiola de Esperança. Saca uma chave. Abre a porta da gaiola.

ESPERANÇA

Não entendi. Já tá na hora? Mas...onde a Pietra—

Giacomo corveja novamente. Esperança se cala e sai da gaiola. Giacomo sai do palco. E corveja, lá de fora, chamando-a. Desconfiada, Esperança vai atrás dele e deixa o palco.

Cai a luz.

CENA 16

Atmosfera cerimonial. Dentro da gaiola, Pombus Orthodoxus e Pombus Cardinalis assistem à apresentação final do Candidato 1.

O Candidato 1, agora, executa com perfeição o seu voo da paz - um ballet clássico, metódico, limpo, tradicional. Terminada a coreografia, o Candidato 1 reverencia as autoridades e sai.

POMBUS CARDINALIS

Eu convoco a última candidata a se apresentar, encerrando assim a etapa final da seletiva. Antes de abirmos o Santo Conclave que decidirá o comandante ou “a” comandante do novo Pombado, como manda a tradição, Pombus Orthodoxus fará, amanhã, o seu derradeiro voo da paz, sobre a praça São Pedro, das mãos de Vossa Santidade, o Papa. Mas agora, com vocês... o voo da Candidata Esperança.

Esperança entra, cerimoniosa. Vai até o centro do palco e reverencia, Orthodoxus e, depois, Cardinalis. Música clássica. Esperança inicia uma coreografia de ballet clássico. A apresentação avança e, sem aviso-- a música é fraturada por ruídos e sons descompassados. A dança contemporânea rouba a coreografia. Orthodoxus assiste à apresentação sem esboçar reação. Cardinalis não consegue conter o entusiasmo.

O voo de Esperança é visceral e arrebatador. A apresentação acaba. Cardinalis aplaude imediatamente, fascinado pelo voo-- recebe um olhar reprovador de Orthodoxus e se contém. Esperança agradece em reverência e vai deixando o palco.

POMBUS CARDINALIS

Vossas Eminências... Eu... eu... Assim declaro o fim da seletiva. A partir de agora, é o Santo Conclave que decidirá qual dos três candidatos se tornará a próxima Pomba do Papa—

POMBUS ORTODOXUS

Espera.

Esperança se detém.

POMBUS ORTODOXUS

Se Vossa Eminência me permite. Para que a decisão do Santo Conclave seja tomada com o máximo de acuidade e embasamento, eu gostaria de inquirir uma última vez a Candidata que aqui se apresenta...

Cardinalis estranha.

POMBUS ORTODOXUS

... a sós.

POMBUS CARDINALIS

Vossa Santidade, com a devida vênua, mas a liturgia não prevê esse tipo de inquirição—

POMBUS ORTODOXUS

Muitas coisas estão em jogo aqui, Vossa Eminência Pombus Cardinalis. É meu dever primar pela continuidade do nosso Santo Pombado. Agora, eu determino que Vossa Eminência se RETIRE.

Contrariado, Cardinalis se levanta. Do outro lado da grade, Enzo abre a porta da gaiola. Cardinalis sorri para Esperança e deixa a gaiola e o palco. Ortodoxus encara Esperança por um algum tempo.

POMBUS ORTODOXUS

Enzo.

Enzo se aproxima, por fora da grade, com sua bandeja: um cálice e uma garrafa de vinho. Serve o cálice de vinho e entrega-o a Ortodoxus.

POMBUS ORTODOXUS

Aproxime-se, candidata.

Esperança dá um passo na direção de Ortodoxus.

POMBUS ORTODOXUS

Mais, minha filha.

Esperança dá mais um passo.

POMBUS ORTODOXUS

Um pouco mais.

Esperança se posiciona a um palmo de Ortodoxus.

POMBUS ORTODOXUS

Assim.

Ortodoxus estende o cálice de vinho para Esperança.

POMBUS ORTODOXUS

Beba.

ESPERANÇA

Obrigada, mas--

POMBUS ORTODOXUS

Beba! Não faça cerimônia.

Esperança o obedece e bebe o vinho a contragosto. Ortodoxus dá mão para Esperança beijar. Ela a beija em posição de reverência.

POMBUS ORTODOXUS

A senhorita acaba de realizar um dos voos mais brilhantes que esta instituição já presenciou.

Esperança abre um sorriso.

POMBUS ORTODOXUS

Isso é renúncia. Isso é entrega. Você, candidata, é uma lufada de ar que levanta a poeira acumulada nas grades dessa instituição. Bravo!

ESPERANÇA

Vossa Santidade, eu recebo vosso elogio com toda a humildade. E com a certeza de que eu estarei pronta para comandar o próximo Pombado e fazer as reformas--

POMBUS ORTODOXUS

Porém...

Ortodoxus arranca o cálice da mão de Esperança e o entrega a Enzo, dessa vez, civilizadamente.

POMBUS ORTODOXUS

...não há revolução sem sacrifício, candidata Esperança.

Ortodoxus pega a mão de Esperança. Levanta-se e a conduz ao seu trono santo. Esperança se senta no lugar de Orthodoxus.

POMBUS ORTODOXUS

Sinta o poder.

Ortodoxus dá a volta e se aproxima por detrás de Esperança. Abre as asas dela. Movimenta as asas de Esperança com se fossem as suas próprias.

POMBUS ORTODOXUS

Não há nada mais puro que as asas de uma fêmea. É uma pena que elas não voem longe.

O golpe final: Orthodoxus agarra com força as asas de Esperança. Esperança tenta se desvencilhar das garras de Orthodoxus. Ele a prende contra a cadeira. Enzo acompanha tudo, imóvel.

ESPERANÇA

Me solta!

Esperança consegue se desvencilhar de Orthodoxus e o empurra no chão. Corre em direção à porta da gaiola, que está fechada. Orthodoxus se levanta com dificuldade.

ESPERANÇA

Enzo! A chave... por favor!

Enzo encara Esperança, inabalado.

POMBUS ORTODOXUS

Enzo...

Enzo entende o comando e desaparece do palco. Volta trazendo o cortador de penas de Esperança na bandeja. Entrega-o para Orthodoxus, pela grade.

ESPERANÇA

Não! Sai de perto de mim! Pietra, Pietra!

Ortodoxus se aproxima de Esperança, que se encolhe contra as grades.

POMBUS ORTODOXUS

Enzo?

De repente, Enzo agarra as asas de Esperança, por fora da gaiola, e a mantém rendida e imobilizada, presa às grades da gaiola.

Ortodoxus posiciona o cortador de penas entre uma das asas de Esperança. A luz cai violentamente. Ouvimos o grito de dor de Esperança.

CENA 17

Luz: Esperança, sozinha, no centro da gaiola com as asas encolhidas. A cabeça baixa. Entra Pietra, fraca do jejum.

PIETRA

(sussurrando baixinho)

Esperança! Sou eu. Esperança!

Esperança não se mexe. Pietra tenta tocá-la por entre as grades.

PIETRA

Eles me afastaram da guarda. Me engaiolaram. Eu consegui fugir. Mas não por muito tempo. Eu precisava te ver. Como foi, Esperança? Como foi o seu voo? Por que você tá assim? Fala comigo, Esperança!

Esperança levanta o rosto. Pietra percebe a devastação nos olhos dela.

PIETRA

Ei. O que fizeram com você? Hein? Fala comigo! Por favor. Esperança...

Esperança se levanta devagar, o corpo dolorido. E abre as asas: suas duas asas foram cortadas pela metade. As penas da borda de cada asa estão tingidas de sangue.

PIETRA

Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.

ENZO

Você vai sumir se continuar sem comer, minha filha. Um dia você vai entender o que eu fiz. Por você. Pela nossa espécie. Vai entender o seu lugar. E vai me agradecer. Nesse dia, eu vou saber se você está pronta para voltar à Guarda.

Enzo finalmente consegue sintonizar na estação de rádio.

LOCUTOR DE RÁDIO

...essas foram as palavras de Vossa Santidade o Papa para os milhares de fieis que lotam a Praça São Pedro.

O som ambiente da Praça São Pedro: aplausos e orações de pessoas.

ENZO

Está na nossa hora. Vamos, Giacomo. A Guarda nos chama. De olho em qualquer movimento suspeito ao redor de Vossa Santidade Pombus Ortodoxus.

Enzo posiciona o rádio perto de Pietra. Pega o último pedaço de carne da tigela e o passa pela gaiola de Pietra.

ENZO

Divirta-se.

Abre as asas e sai do palco, acompanhado de Giacomo.

LOCUTOR DE RÁDIO

E chegou o momento mais esperado da Cerimônia, quando o Papa irá soltar da janela do Vaticano a Pomba Branca, símbolo universal da paz, sobre os milhares de fieis na praça.

Pietra pisa no pedaço de carne deixado por Enzo. Arranca uma de suas penas – sente dor. Enfia a parte dura da pena no cadeado da gaiola. Mexe de um lado para o outro. Nada.

LOCUTOR DE RÁDIO

No céu azul, o sol radiante brilha sobre de uma multidão, que agita bandeiras e acena à espera desse gesto simbólico tão bonito. Crianças. Idosos. Homens e mulheres de todas as idades, de todas as partes do mundo.

CLICK! O cadeado se abre. Pietra sai da gaiola e deixa o palco.

LOCUTOR DE RÁDIO

E, finalmente... O Papa já está com a Pomba da Paz nas mãos! Ele olha para os fieis e lança o pássaro. A pomba sobrevoa agora lindamente a Praça São Pedro... que bela imagem, ouvintes...

Os aplausos da multidão cessam abruptamente. Um silêncio fúnebre. Seguido de uma expressão uníssona de espanto e horror. O locutor engasga e volta a falar, desconcertado.

LOCUTOR DE RÁDIO

A gente acaba de presenciar... a Pomba da Paz acaba de ser violentamente atacada por um pássaro negro... um corvo talvez...e acaba de cair, de sofrer uma queda... é uma imagem realmente forte essa que nós acabamos de presenciar ... a Pomba da Paz se debate no chão, agoniza... e o corvo continua em cima dela... há sangue, muito sangue no local...

O rádio perde o sinal e volta a chiar. As luzes se apagam lentamente. Um canto gregoriano, agora de VOZES FEMININAS, dá lugar ao chiado e perpassa toda a cena, até o final da peça.

Luz: no centro do palco, Pombus Orthodoxus, estatelado no chão e ensopado de sangue, agoniza.

Luz: ao lado dele, Pietra de pé, com sangue no bico.

Luz ao fundo: Enzo e Giacomo engaiolados.

Luz: Esperança na sua gaiola. A gaiola sobe lentamente, libertando Esperança. Ela se aproxima de Orthodoxus. Encara Pietra, cúmplice. Orthodoxus resta imóvel, está morto.

Ao fundo, uma fumaça branca sai da chaminé da Capela Sistina.

Pietra se abaixa sobre a carcaça de Orthodoxus. Arranca um pedaço de carne do corpo dele. Coloca-o na boca. Engole. Esperança se abaixa. Sua vez. Arranca outro pedaço de carne, e o coloca na boca. O sangue vermelho de Orthodoxus tinge sua plumagem branca.

Uma mulher – uma humana – surge da coxia e se junta às duas aves, sobre a carcaça de Orthodoxus. Outra mulher. E outra. E mais uma. Pouco a pouco, o palco está tomado. Um bando.

A luz cai pela última vez.

FIM